

"AS CRIANÇAS NOTAM CONTRADIÇÕES ÉTICAS"

Entrevista com Yves de La Taille, Especialista em Moral.



Especialista em moral fala sobre exemplo dos pais e falhas das escolas no ensino de ética

Por Camila Guimarães

Como uma criança enxerga os costumes e as atitudes de seus pais e professores? O especialista em psicologia moral Yves de La Taille mostra as impressões de um garoto sobre a ética do mundo adulto em seu novo livro, *Ética para meus* lançado neste mês. As histórias cotidianas contadas pelo personagem principal refletem a sensibilidade de uma criança para os desvios e as contradições éticas e morais dos adultos – ela vê, registra e usa essas falhas para construir seus próprios costumes. Para os pais, o desafio é ensinar pelo exemplo. Para as escolas, ainda faltam estratégias adequadas para ensinar ética.

QUEM É

Naturalizado brasileiro, nasceu em Saverne, na França. Ele se formou pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde é professor .

O QUE PUBLICOU

Entre outros livros, *Moral e ética, dimensões educacionais e afetivas*, Prêmio Jabuti de 2007 na categoria Educação, Psicologia e Psicanálise

O personagem principal de seu livro parece um refém da ética de seus pais...

Yves de La Taille – Sim, pela idade dele, ali por volta de 7, 8 anos, ele ainda é refém da ética dos adultos com os quais convive. As noções de moral e ética começam a aparecer cedo na criança, por volta de 3, 4 anos. É quando ela começa a perceber que há diferença entre deveres rotineiros, como tomar banho e comer na hora certa, e os deveres morais. Nessa fase, a criança é heterônima, ou seja, ela entrou no mundo da moral e da ética, mas costuma esposar os valores do meio onde está. Só a partir dos 9 ou 10 anos é que ela se torna autônoma e começa a demandar critérios racionais, além de usar apenas fontes prestigiosas, como pais e irmãos, para decidir o que é certo ou errado.

Isso significa que a ética é aprendida pelo exemplo dos pais?

La Taille – Dos pais e da escola. No livro, ética tem um sentido global, e não o tradicional, só voltado para o bem e para o mal. Ética são costumes, e costumes não nascem inscritos no DNA de ninguém, por isso as influências sociais são essenciais na formação ética e moral. Para a criança, essas influências vêm da família e da escola. Tomás, o personagem principal, observa e narra situações em casa e com professores e colegas da escola.

Há uma receita que garanta que os filhos aprendam ética e moral?

La Taille – Não. O principal que os pais devem ter em mente é que crianças são extremamente observadoras. Elas olham muito, apesar de ainda não serem capazes de raciocinar ou fazer deduções com aquilo que estão vendo. O comportamento dos pais, portanto, é essencial. Principalmente porque, desde pequenos, os filhos percebem as contradições entre o discurso dos pais e sua prática. Eles notam as contradições éticas. E isso fica lá guardado com a criança, que constrói, em cima disso, seus próprios costumes e atitudes.

"No geral, as escolas não trabalham pela moral e pela ética o problema do bullying e ignoram a questão do bem e do mal"

Há alguma passagem do livro que exemplifica isso?

La Taille – A da festa de aniversário de Tomás, organizada pelos pais em um bufê infantil caro, com muitos convidados (*o personagem pediu para os pais uma festa em casa, para convidar apenas seus três melhores amigos. Mas os pais acharam “muito pouco”*). Ele não se divertiu na própria festa, não gostou. Ele tem a sensibilidade para não gostar, mas não racionaliza isso, ou seja, não sabe dizer o porquê.

As escolas conseguem ensinar ética para os alunos?

La Taille – A escola poderia ter estratégias pensadas e conscientes para trabalhar essa questão. Mas em geral não tem. O que elas têm em excesso são regras. Ou seja, são muito legalistas. O que pode e o que não pode está escrito, vem dos regimentos internos. Se aparece uma situação que não está prevista no regimento, ninguém sabe o que fazer. É claro que a escola, assim como a família, não pode garantir a formação ética das pessoas. Há sempre o imponderável. Não é como alfabetizar a criança ou ensinar matemática. Essas coisas, se não há problemas com a criança e a escola for boa, podem ser garantidas. Mas não comportamentos éticos. O que dá para fazer é trabalhar algumas questões, criar um terreno fértil.

Em algum momento a discussão sobre ética nas escolas se mistura com a discussão sobre bullying?

La Taille – Deveria. Um agressor demonstra uma lacuna ética ou moral ao humilhar e bater em alguém. É uma fraqueza de senso moral. Agora, se as escolas trabalham pela questão moral e ética o problema do bullying, aí eu tenho dúvidas. A tendência é a escola “psicologizar” a questão. Ou seja, tratar o agressor como alguém que tem problemas em casa. Não nego que alguns dos agressores tenham, sim, problemas, mas no geral as escolas ignoram a questão do bem e do mal. Para mim, o mal existe. Em muitos casos, os agressores acham que a violência é brincadeira – e, se é brincadeira, pode.

O que vemos muito nas escolas brasileiras são campanhas pontuais para combater o bullying ou para falar sobre ética. Isso funciona?

La Taille – Tem efeito zero – ou até perverso, porque passa a ideia de que, se é assunto para uma campanha, então não precisamos olhar para isso no dia a dia. Muitos trabalhos benfeitos sobre o tema também são projetos ou iniciativas individuais de professores. Não funciona. Claro, é melhor ter isso do que não fazer nada, mas a ética é cotidiana, tem de ser trabalhada o tempo inteiro. Não se trata de criar uma disciplina específica para isso. O que a escola, como instituição, tem de cuidar é do convívio diário entre alunos e professores.

Fonte: Revista Época, 2 de maio de 2011 – Nº 676 (páginas 116 e 117)